

Avaliação na escola

MARILÉA DA CRUZ

Alógica, o bom senso e a experiência de vida, que para qualquer ser humano é comulativa, já demonstraram que os extremos se transformam em absurdo. Dou-me, infelizmente, de repetir o discurso: "Nem tanto ao céu nem tanto à terra."

Um indivíduo minimamente ligeiro tem a capacidade de reletir sobre suas experiências e, num ato de auto-avaliação, identificar os conceitos que formula, construindo em torno de si bens materiais e imateriais, como relacionamentos, criações, referências, ódios e paixões, avanços e recuos, compreensão e incompreensão, grandes e pequenos feitos, e até mal feitos, entãm, tudo aquilo que garante a sobrevivência numa sociedade competitiva, onde são marginalizados aqueles que a hierarquia social coloca na base da pirâmide.

Tendo como referencial o que somos, o que fazemos, o que temos e como somos vistos nessa sociedade, solidificamos uma postura rígida na avaliação que fazemos dos outros e de nós mesmos. Ainda que discordemos da hierarquização a nós imposta, é ela que prevalece.

Ao determinos algum nível de poder, torna-se natural manter o status dos outros, desde que o nosso suba maior número de degraus. Embutida no ato de avaliar está sempre a busca do que falhou, do que não foi bom, do que há de pior, por melhor que seja o objeto submetido à avaliação.

Agimos com inveja quando o desempenho do outro é bom e somos capazes de dizer que algo ruim é bom, só para mostrar nossa tolerância, nossa "bondade", pois a má qualidade não ameaça a nossa competência e não nos submete também a uma avaliação.

Quanto maior for o poder de quem avalia e quanto mais rígido for o avaliador, menos ele (o poderoso) admite ser avaliado. Não percebe que cerceia a ação explícita, mas é condenado e menos tolerado nos seus erros por todos a quem limita a atuação. E

aparentemente democrático, porque superficializa suas idéias, deixando o aprofundamento sem apontar diretrizes àqueles que necessitam da sua orientação, e assim não precisa partir para o embate nem ser responsável pelo fracasso, caso ele ocorra. Se tudo der certo será o vitorioso, mesmo que o sucesso não seja só seu.

O discurso é sempre tecnicista: pedagogês, economês etc. Uma linguagem cifrada, de códigos, restando aos leigos tentar decifrá-la.

Talvez esteja sendo um pouco rígida, mas, quando se trata de avaliação, todo cuidado é pouco. Ela está presente em nossa vida desde que nascemos e mesmo depois que morremos. Ela está conosco até quando estamos sós, pois, além da auto-análise, al-

“Agora, mais do que antes, a escola deverá interagir com a comunidade”

guém em algum lugar pode estar nos julgando. E ela que dita nosso comportamento, dependendo da importância que damos ao resultado dessa avaliação.

Não há que ser paranoíco, mas fazer com que o positivo prevaleça sobre o negativo é um desafio só vencido por aqueles que têm a coragem de viver avançando e recuando, sempre que necessário, dando o melhor de si naquilo que realiza, tendo a clareza de que o saber cada vez mais se diversifica e que cada um de nós, dentro dessa diversidade, tem maiores e menores aptidões, tudo é apenas uma questão de múltiplas inteligências. E, por tudo isso, aprendemos e avançamos.

A escola é a instituição que mais se identifica com a avaliação e, ao longo do tempo, vem sofrendo com as regras preestabelecidas, que cada vez mais a confundem sobre seu papel. Não

lhe dão a oportunidade de se auto-avaliar e a avaliam constantemente. Está ela obrigada a decodificar, codificando através de conceitos a ela transmitidos, que classificam o aluno em notas. Dá-se a ela a responsabilidade maior, reduzida a letras e números, que vão carimbar crianças, adolescentes e jovens, transformando alguns poucos em bem-sucedidos e a maioria em fracassados.

A escola de todos os tempos teve a dificuldade de cumprir seu papel integralmente, porque ficou na maioria das vezes reduzida à condição de repassadora de informações. Nos tempos de hoje — e para ser a escola do futuro — ela terá que reverter essa tendência, exercendo com supremacia o papel de dimensionar e interrelacionar conteúdos, percebendo a capacidade de apreensão deles pela sua clientela, o tempo de cada aluno para aprender a aprender e de como transformar códigos para efetivamente prepará-los para a vida.

Agora, mais do que antes, a escola deverá interagir com a comunidade, buscando na cultura, a partir de uma visão mais ampla, sua inserção na sociedade. E uma escola que, ao ser humilde com dignidade, reconhecendo o saber alheio, amplia o seu e dá oportunidade para que o dos outros também se amplie.

E essa escola que construiremos, se continuarmos a trabalhar com coragem para discutir nossas falhas e pôr em prática propostas concretas que levem em consideração a gestão da escola, a valorização dos que nela atuam e, principalmente, a quem servimos.

Educação é um processo longo, é um processo de vida. Seu resultado será percebido a médio e longo prazos, se for levada a sério, sem casuismo, sem vaidades, mas com perseverança.

Já houve quem me perguntasse como a avaliação será feita em 1995. Se ainda resta alguma dúvida, afirmo e reafirmo que tudo se mantém como antes e, em 1996, avançaremos no que for possível, mas se for possível, e com os pés no chão.